

## Fotografia, surpresa no Rio

RIO (Sucursal) — O inconformismo diante da sociedade é a tônica da mostra "Fotolinguagem", que reúne cinco dos mais conhecidos fotógrafos brasileiros e que vêm, desde a semana passada, conseguindo algo invulgar, no Rio: levar um grande público a uma exposição de fotografias. Walter Firmo, Mario Cravo Neto, Bina Fonyat, Luis Fernando Borges da Fonseca, Ivan Cardoso e Roberto Maia inauguram. Em essa exposição, a nova fase da Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro, objeto de cirradas e amargas discussões desde que o artista plástico Rubens Gerschman assumiu sua direção.

Indiferente às críticas — vindas, em sua maioria, de alunos inconformados com a transformação de um instituto acadêmico numa escola dinâmica — Gerschman continua contratando professores como Roberto Magalhães, Helio Eichbauer e Lina Bo Bardi. E considera "Fotolinguagem" uma amostra do trabalho que pretende desenvolver na escola:

— Isso será um centro experimental de arte e um depósito de informações. Por isso escolhi a fotografia, uma arte sem mercado e mal interpretada no Brasil, para abrir a sala de eventos da escola. E acho que fiz uma boa escolha. Tanto que já recebemos um convite para levar "Fotolinguagem" para o Museu de Arte de São Paulo, no mês de maio.

### OS FOTÓGRAFOS

Os mais surpresos com o sucesso da mostra são os fotógrafos. Acostumados a serem marginalizados pelos grupos que controlam as galerias cariocas, viram em "Fotolinguagem" uma excelente oportunidade de mostrar seu trabalho. Só que não esperavam tanto interesse, que vem principalmente dos mais jovens. De todos os expositores o mais experiente é Walter Firmo repórter fotográfico dos mais premiados: um Prêmio Esso e seis prêmios no concurso internacional da Nikon. Mas, apesar desses prêmios todos, Firmo conseguiu expor somente três vezes em dezenove anos de carreira. A última foi na Bienal de São Paulo: as outras duas no Rio.

— O problema é que, no Brasil, é difícil encontrar quem aceite fotografia como arte. Na última exposição que fiz, no Rio, uma coletiva, vendi apenas dois trabalhos. As pessoas chegavam, olhavam, gostavam, elogiavam e iam embora. Acontece que não dá "status" ter uma foto pendurada na parede. Alguém compra. Apesar disso, considero expor algo imprescindível para um fotógrafo, pois, vendendo ou não, ele está divulgando seu trabalho. Isto é bom, porque a foto não termina com o "clique". Tem uma função social, que só se completa se a foto for vista.

Com isso concorda Roberto Maia, que é contra a venda da foto como peça única. Fotografia, para ele, é arte gráfica:

— Não admito que queiram numerar as fotos como obras raras e vendê-las, como se fossem gravuras, telas, sei lá. Foto, para mim, só fala através do processo gráfico. Mesmo esta mostra não é uma exposição, mas um bate-papo. São seis fotógrafos com linguagens diferentes, tentando conversar com o público. Vender não tem nada a ver. No Brasil, fotógrafo só vende seu trabalho para folhinha.

Ivan Cardoso, 23 anos, é o mais jovem dos expositores. Suas fotos são, quase sempre, parte dos documentários que costuma fazer. As que estão em "Fotolinguagem" são de dois curtametragens que fez, recentemente, no interior do Pará.

ade  
de  
ses  
que  
ntes  
se  
divel  
cano  
ntos  
no se  
Years  
disco  
ssado,  
ais no  
chama  
a san-  
onzaga  
icrivel-  
gentina  
vez foi  
neteu o  
ira.  
mo foi  
e nossa  
m mú-  
encom-  
mesmo  
rentes,  
na se  
lo seu  
l mú-